

DOI: 10.20911/21799024v14n1p164/2023

A formação litúrgica como sinal de eclesialidade à luz da Carta *Desiderio desideravi*

Anderson Costa Pereira ¹

Gilmar Antônio Aguiar ²

Resumo: Em 29 de junho de 2022, o Papa Francisco dirigiu a toda a Igreja a Carta Apostólica, intitulada *Desiderio desideravi* (“Desejei ardentemente”), palavras extraídas do Evangelho de Lucas 11,15. O presente artigo objetiva apresentar alguns elementos litúrgicos presentes em *Desiderio desideravi*, a saber: a necessidade de uma vital formação para a Liturgia e para a celebração litúrgica e o reconhecimento do caráter eclesial da Liturgia. Neste sentido, o Concílio Vaticano II apresentou a Liturgia como “a obra de Cristo sacerdote e do seu corpo, que é a Igreja” (SC, 7). O sujeito da ação litúrgica é a Igreja como comunidade local e universal dos discípulos que seguem a Jesus de um modo efetivo, na qual todos são irmãos, numa assembleia toda ministerial.

Palavras-chave: Liturgia; Eclesialidade; Formação.

Abstract: On June 29, 2022, Pope Francis addressed the Apostolic Letter to the entire Church, entitled *Desiderio desideravi* (“I ardently desired”), words taken from the Gospel of Luke 11,15. This article aims to present some liturgical elements present in *Desiderio desideravi*, namely: the need for a vital formation for the liturgy and for the liturgical celebration and the recognition of the ecclesial

1 Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo). Especialização em Sagradas Escrituras (Faculdade Claretiana, São Luís, MA, 2016). Especialização em Ciências da Religião (Faculdade Unyleya, São Luís, MA, 2018). E-mail: pereira-anderson1@hotmail.com.

2 Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo). Especialização em Bioética e Pastoral da Saúde (Centro Universitário São Camilo, São Paulo, SP, 2006). Especialização em Formação humana (Escola de formadores – IATES, Curitiba, PR, 2014). E-mail: gilscamilo@yahoo.com.br.

character of the Liturgy. In this sense, the Second Vatican Council presented the Liturgy as “the work of Christ the priest and of his body, which is the Church” (SC, 7). The subject of the liturgical action is the Church as a local and universal community of disciples who follow Jesus in an effective way, in which all are brothers, in an entirely ministerial assembly.

Keywords: Liturgy; Ecclesiality; Formation.

Introdução

O Papa Francisco publicou, em 29 de junho de 2022, a Carta Apostólica *Desiderio desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus. O breve texto, com seus 65 parágrafos, redigido a partir das conclusões da sessão plenária do Dicastério para o Culto Divino, em fevereiro de 2019, está em continuidade com o *motu proprio Traditionis custodes*, que traz novas disposições sobre o uso da forma extraordinária do Rito Romano, a serem seguidas por todos os sacerdotes que presidem este rito, em derrogação de alguns pontos do *motu proprio* de Bento XVI, *Summorum Pontificum*, “o qual deu liberdade a todos os padres do mundo, independentemente de autorização de seus superiores hierárquicos, para celebrarem a Missa na forma ritual tridentina” (DIAS, 2010, p. 13). Sem dúvidas, o texto reafirma a importância da comunhão eclesial em torno do rito resultante da Reforma Litúrgica pós-conciliar. *Traditionis custodes* e *Desiderio desideravi* estão em clara continuidade e devem ser lidos como textos interdependentes e coextensivos.

O Papa Francisco com essa Carta nos convida a refletir sobre a formação litúrgica de todo o Povo de Deus, a saber: Bispos, Sacerdotes, Diáconos, homens e mulheres consagrados e os fiéis leigos e leigas (cabecalho da carta). Destarte, não é algo apenas a ser absorvido somente pelo laicato, mas as questões pontuadas pelo Pontífice dizem respeito a todos os membros batizados na Igreja, ordenados ou não. Afinal, uma boa formação litúrgica é necessária para que todo cristão, independentemente de seu estado de vida, viva sua vocação e celebre melhor o Mistério Pascal.

Nesse contexto, o presente artigo desenvolve uma reflexão sobre alguns elementos litúrgicos e, portanto, teológicos, presentes em *Desiderio desideravi*, a saber: a necessidade de uma formação litúrgica específica e vital para todo o povo de Deus e a natureza eclesial da Liturgia. “A Liturgia é o ápice para o qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde brota toda a sua força” (SC, 10) e tem sua origem na *koinonia* ou comunhão entre os membros do único Corpo de Cristo, que formam a Igreja (cf. 1Cor 12,12s). Por isso, o Papa Francisco também enfatiza muito o fato de que a Liturgia não deve ser usada como campo de batalha para impor uma visão da Igreja que não aceita o que foi estabelecido pelo Concílio Vaticano II.

1. Estrutura, motivação e argumentação teológica da Carta

Na introdução o Papa Francisco afirma o tema do conteúdo a ser explicitado: “sobre a Liturgia, dimensão fundamental para a vida da Igreja” (DD, 1). A Carta não é um diretório ou manual de Liturgia, tampouco um livro sistemático de rubricas ou normas litúrgicas a serem observadas. Trata-se, na verdade, de um texto profundamente reflexivo e meditativo, sem ser fatigante, que cumpre os princípios da argumentação teológica, a saber: coerência, fundamentação na Tradição, tanto na Sagrada Escritura quanto nos Padres da Igreja, com a devida hermenêutica e aplicação na vida. Sua principal motivação com esta Carta é

de convidar toda a Igreja para redescobrir, custodiar e viver a verdade e a força da Celebração cristã. Gostaria que a beleza da Celebração cristã e suas necessárias consequências na vida da Igreja não fossem deturpadas por uma compreensão superficial e reductiva do seu valor ou, por ainda, por uma instrumentalização a serviço de alguma visão ideológica, seja qual for” (DD, 16).

E, ainda,

reavivar a admiração pela beleza da verdade da Celebração cristã, a recordar a necessidade de uma autêntica formação litúrgica e a reconhecer a importância de uma *arte da celebração* que está ao serviço da verdade do Mistério Pascal e da participação de todos os batizados, cada um com a especificidade de sua vocação” (DD, 62).

A Carta Apostólica, composta de uma breve introdução (DD, 1) e nove meditações, vem assim disposta:

- A Liturgia, o “hoje” da história da Salvação (DD, 2-9);
- A Liturgia: lugar do encontro com Cristo (DD, 10-13);
- A Igreja: Sacramento do Corpo de Cristo (DD, 14-15);
- O sentido teológico da Liturgia (DD, 16);
- A Liturgia: antídoto contra o veneno do mundanismo espiritual (DD, 17-20);
- Redescobrir, a cada dia, a beleza da verdade da Celebração Cristã (DD, 21-23);
- O estupor diante do Mistério Pascal: parte essencial da ação litúrgica (DD, 24-26);
- A necessidade de uma séria e vital Formação Litúrgica (DD, 27-47);
- *Ars Celebrandi* (DD, 48-60);
- Conclusão (DD, 61-65).

Em toda essa estrutura, o Papa Francisco constrói sua argumentação em uma base bíblica, patrística e teológica bem concreta. Toda fundamentação teológica deve estar bem firme tanto na Tradição da Igreja quanto na Sagrada Es-

critura. Francisco cita a cada parágrafo diversos textos bíblicos para fundamentar suas ideias, afinal o estudo da Sagrada Escritura é a “alma da Teologia” (DV, 24). A Liturgia absorve da fonte perene da Sagrada Escritura. O próprio título da Carta Apostólica corresponde ao texto latino de Lucas 22,15, no contexto da Última Ceia: *Desiderio desideravi hoc Pascha manducare vobiscum, antequam patiar* (Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer, CNBB, 2018).

No contexto da Última Ceia Jesus pronunciou essas palavras que nos leva a pensar e meditar acerca da profundidade do amor entre as Pessoas da Santíssima Trindade. Esse amor é dinâmico e redentor. Segundo Valeriano dos Santos, o Pai é o amor originário, o Filho é o amor encarnado e o Espírito Santo, o amor derramado (SANTOS, 2019, p. 18). O amor “é a fonte que faz a vida fluir” (SANTOS, 2019, p. 8).

Seguindo os passos da argumentação teológica presente no texto, no que se refere a Tradição patrística, o Papa Francisco recorre a Santo Agostinho (cf. DD, 14; 16) para justificar a realidade sacramental da Igreja, mistério de unidade; também cita Leão Magno para justificar “que tudo o que era visível de Jesus, o que podia ser visto com os olhos e tocado com as mãos, suas palavras e gestos, a concretude da Palavra Encarnada havia passado para a celebração dos Sacramentos” (DD, 9) e que “a plenitude da nossa formação é a conformação com Cristo [...] Leão Magno escreve: ‘Nossa participação no Corpo e no Sangue de Cristo não tende a outra coisa senão a que nos convertamos no que comemos.’” (DD, 41) e, finalmente, traz Irineu de Lião, o *doctor unitatis*, para justificar que “a Liturgia dá glória a Deus” (cf. DD, 43).

Como base de incremento e fundamento, o Pontífice Romano recorre frequentemente a Constituição *Sacrosanctum Concilium* para fundamentar suas ideias (cf. DD, 14; 16; 21; 29; 31; 37; 41; 48; 57; 61; 63). Ademais, desde a *Traditionis custodes*, Francisco vem buscando recordar que a Constituição sobre a reforma da Liturgia, continua a ser fundamental para a promoção dessa celebração plena, consciente, ativa e frutuosa (SC, 11; 14). Infelizmente, no pós-Concílio, a *Sacrosanctum Concilium* foi transformada em um campo de batalha onde grupos com distintas visões de Igreja acolhem ou não o que foi estabelecido pelo Vaticano II. É preciso, pois, abandonar as controvérsias e escutar o que o Espírito diz à Igreja (DD, 65).

O Bispo de Roma cita, ainda, como argumentação o sacerdote teólogo alemão, naturalizado italiano, Romano Guardini (1885-1968). Este teólogo tem grande influência na Teologia do Papa Francisco. Não só nesta Carta Apostólica, mas em outros Documentos pontifícios, como, por exemplo, *Laudato Si'*, Guardini é citado por Francisco. Nota-se claramente no atual Pontífice uma profunda admiração pessoal pelo teólogo. O nome de Romano Guardini é inseparável do movimento litúrgico que abriu caminho para o Concílio Vaticano II. A obra *Formação Litúrgica* (1923) é a que Francisco utiliza como base de argumentação (cf. DD, 34; 44; 50; 51).

Francisco, recorrendo a Guardini, chama atenção para a questão do símbolo que, na Liturgia, tem grande valor e ocupa grande espaço. O poder do símbo-

lo não consiste em pura abstração, mas em conter e expressar em sua própria concretude o mistério nele escondido (DD, 26). Ora, se “o ser humano está na liturgia como quem cria e contempla símbolos” (GUARDINI, 2023, p. 72), então “a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica” é que “o ser humano deve voltar a ser capaz do símbolo” (GUARDINI, 2023, p. 73; citado em DD 44). Ser capaz de símbolos significa compreender com profundidade toda a linguagem simbólica contida na Liturgia, sabendo que “a leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas uma experiência vital” (DD, 45).

Para o filósofo Xavier Zubiri (1898-1983) a vida é comandada por sentimentos e pensamentos integrados em uma teia chamada “inteligência senciente”, na qual sentimento e inteligência não se contrapõem. Para Zubiri, o sentir e o entender não são faculdades humanas distintas, mas interdependentes: “entender é um modo de sentir, e sentir é, no homem, um modo de entender” (ZUBIRI, 2011, prólogo). No símbolo sentir e entender são faculdades necessárias para compreender toda a sua força. O símbolo, no sentido zubiriano, deve ser sentido e entendido.

O símbolo é, ao mesmo tempo, forte e frágil (DD, 44). O que Francisco defende como princípio de formação litúrgica é a necessidade de recuperar a capacidade de usar e compreender os símbolos na Liturgia (DD, 44). Na Liturgia, a ação simbólica é fundamental. Portanto, é necessária uma educação litúrgica “para poder adquirir a atitude interior que nos permite situar e compreender os símbolos litúrgicos” (DD, 47). O presidente da Celebração deve sempre tomar o devido cuidado para não fantasiar, deturpar ou omitir os símbolos (gestos, posições e sinais) que estão previstos na Liturgia. Conhecer os símbolos significa bem celebrar.

2. A redescoberta do valor teológico da Liturgia

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Liturgia acentua a redescoberta da compreensão teológica trazida pelo Vaticano II e também, pelo movimento litúrgico que o precedeu. O movimento litúrgico teve início em 1909, cujo objetivo principal era redescobrir a natureza da Liturgia cristã. Sua proposta de renovação guardava a Tradição: a Palavra de Deus, os Padres da Igreja, a Liturgia, além disso, a promoção da unidade entre os cristãos (cf. FLORES, 2006, p. 81-91).

A natureza da Liturgia e sua importância na vida da Igreja foram fundamentos para a reforma e “continuam sendo para a promoção dessa plena, consciente, ativa e frutuosa na Celebração” (SC, 11; 14). Por um lado, não é fácil chegar a uma definição da natureza da Liturgia, porque são muitos os elementos essenciais que compõem este conceito. Por outro lado, a Liturgia sofreu uma evolução contínua ao longo da história. Nela certamente existe “uma parte imutável, de instituição divina”; mas há também “outras sujeitas a modificações, que podem e devem variar no decurso do tempo, desde que apresen-

tem aspectos menos apropriados à natureza íntima da própria liturgia ou que se tenham tornado obsoletos” (SC 21).

Uma palavra significativa na Carta é a palavra *redescobrir* (cf. DD, 16; 21; 22; 61; 63). Francisco convida a “redescobrir, a cada dia, a beleza da verdade da Celebração cristã”, isto é, da Liturgia, redescobrimo o sentido do ano litúrgico e do Dia do Senhor (DD, 63) e a riqueza dos princípios gerais expostos nos primeiros números da *Sacrosanctum Concilium* (DD, 61). Redescobrir o desejo de comunhão implica o reconhecimento de que não somos donos da Liturgia, mas apenas de seus administradores.

Do mesmo modo, a palavra desejo se repete abundantemente (cf. DD, 2; 4; 6; 8; 20; 24; 52; 57; 59; 60; 63; 65)³. O Catecismo da Igreja Católica, logo em seu início, arrazoia sobre o desejo de Deus: “O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso” (CIgC, 27). Portanto, o próprio Deus colocou no coração do homem o “desejo de desejá-Lo”! Este desejo não é um ímpeto cego, mas um amor puramente humano-divino. O Pontífice Romano afirma que na Liturgia deve-se, antes de tudo, deixar espaço para o despertar do desejo de Deus por nós:

Antes de nossa resposta ao convite que Ele faz – muito antes –, existe seu desejo de nós: pode acontecer de não estarmos conscientes disso, mas, todas as vezes que vamos à Missa, nós o fazemos, porque somos atraídos pelo desejo que Ele tem de nós. De nossa parte, a resposta possível, e o ascetismo mais exigente – é, como sempre, a de se render ao seu amor, de querer se deixar ser atraído por Ele (DD, 6).

3. A natureza eclesial da Liturgia

O Concílio Vaticano II reconheceu a estreita ligação entre Liturgia e Eclesiologia. De fato, o sujeito visível da Liturgia é o povo de Deus reunido em assembleia (*ekklesía*). Liturgia e Eclesiologia são duas dimensões de uma mesma realidade, havendo, entre elas, uma relação de circularidade e complementariedade (MEDEIROS, 2022, p. 73-74). É preciso entender que a Liturgia é uma expressão da Igreja, como o próprio Concílio afirma. Para Buyst e Silva (2003, p. 93),

quem celebra não é o clero. Quem celebra é todo o povo santo de Deus reunido em assembleia; é toda a comunidade unida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Os presbíteros não celebram “para” o povo, mas juntamente com ele, fazendo parte dele e estando a seu serviço. Outros ministérios litúrgicos, exercidos por leigos e leigas, também estão a serviço da assembleia celebrante, em comunhão com os ministros ordenados.

3 Desejo 14x; desejar 1x; desejado(a) 2x (conforme a tradução utilizada neste artigo).

A *Sacrosanctum Concilium* não repete o que tantas vezes reproduz a *Lumen Gentium*: que a Igreja é um Mistério, mas diz que ela é uma realidade visível dotada de elementos invisíveis, humanos e divinos (SC, 2). A Constituição litúrgica afirma que “do lado de Cristo, morto na cruz, brotou o admirável mistério da Igreja” (SC, 5). Por isso, a Igreja e a Liturgia, prolongamento visível da humanidade glorificada de Cristo, têm as mesmas características de instrumentos da nossa salvação. A obra salvífica de Cristo continua na Igreja pela liturgia.

A liturgia é outra forma de “verbalização da fé” na Igreja. A Igreja manifesta a sua compreensão e cresce nela ao celebrar o seu mistério na Liturgia. A *Eclesiologia litúrgica* é pois um discurso eclesiológico peculiar, caracterizado pelas regras do discurso litúrgico que tem o seu modo de apreender a realidade, a sua linguagem própria, o seu jogo linguístico (MONTEIRO, 1981, p. 68).

Em *Desiderio desideravi*, o Papa Francisco afirma que a Liturgia como ação do povo de Deus é celebrada dentro da comunidade eclesial, isto é, a Igreja. “O sujeito que age na Liturgia é sempre e somente Cristo-Igreja, o Corpo místico de Cristo” (DD, 15). E recorda que “sempre é a Igreja, Corpo de Cristo, o sujeito celebrante, não apenas o sacerdote” (DD, 36). É na comunidade que a Liturgia nasce, cresce e se mantém viva. A Liturgia não é uma atividade ou ação privada, mas essencialmente eclesial. “Por isso, a Igreja sempre guardou, como seu tesouro mais precioso, o mandato do Senhor: ‘Fazei isto em memória de mim’” (DD, 8). E continua:

Não há nenhum aspecto da vida eclesial que não encontre na Liturgia o seu ápice e a sua fonte. A pastoral em conjunto, orgânica e integrada, mais do que resultado de programa elaborados, é a consequência do colocar no centro da vida da comunidade a Celebração Eucarística dominical, fundamento da comunhão (DD, 37).

Francisco assevera que “a Celebração dominical oferece à comunidade cristã a possibilidade de ser formada pela Eucaristia” (DD, 65). A Liturgia cristã constitui um momento celebrativo e formativo. Uma formação que se dá tanto pela compreensão do conteúdo dos textos eucológicos e bíblicos, quanto pelo sentir. O Pontífice Romano afirma que “a assembleia tem o direito de poder perceber [sentir] naqueles gestos e palavras o desejo que o Senhor tem, hoje como na Última Ceia, de continuar a comer a Páscoa conosco” (DD, 57).

Sendo um direito da assembleia litúrgica, o sacerdote que preside o rito não pode sobrepor a este direito fundamental uma “rigidez austera ou criatividade exasperada; misticismo espiritualizante ou funcionalismo prático; ânsia apressada ou lentidão enfatizada; indolência desleixada ou refinamento excessivo; afabilidade superabundante ou impassividade hierática” (DD, 54), em síntese, o seu personalismo, o seu “eu”. Onde há muito “eu”, há pouco espaço para o Mistério celebrado. Não pode o Rito se transformar numa repetição mecânica, tampouco em um circo cujo comediante é o próprio sacerdote.

Partindo do princípio de que a Liturgia é “o cume para o qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte da qual emana toda a sua força” (SC, 10), confirma-se o princípio da eclesialidade da Liturgia. A liturgia é uma celebração da Igreja (SC, 26), na qual a celebração comunitária tem a precedência sobre a privada, em particular quanto à celebração da Missa. A reforma litúrgica da *Sacrosanctum Concilium* está em íntima conexão com a visão da Igreja descrita pela *Lumen Gentium* e vice-versa. Portanto, em todo problema litúrgico subjaz um problema eclesiológico:

Nesta Carta não será possível me deter na riqueza de cada uma das expressões, que deixo para vossa meditação. Se a Liturgia é “o cume para o qual tende a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte da qual emana toda a sua força” (SC, n. 10), compreendemos bem o que está em jogo na questão litúrgica. Seria banal ler as tensões, infelizmente presentes em torno da Celebração, como uma simples divergência entre diferentes sensibilidades sobre uma forma ritual. A problemática é, antes de tudo, eclesiológica. Não vejo como se pode dizer que se reconhece a validade do Concílio – mesmo que me surpreenda um pouco que um católico possa presumir não o fazer – e não aceitar a reforma litúrgica nascida na *Sacrosanctum Concilium*, que expressa a realidade da Liturgia em conexão íntima com a visão da Igreja descrita admiravelmente na *Lumen Gentium*. (DD, 31).

Francisco reconhece que a problemática sobre a Liturgia é primeiramente eclesiológica. Neste sentido o teólogo italiano Andrea Grillo fala da Liturgia como “sintoma” (GRILLO, 2022, p. 155). No fundo, por detrás dessa opção pelo rito extraordinário, o chamado “rito tradicional”, *vetus ordo*, “Missa de sempre”, “Missa tridentina” ou “Missa antiga” subjaz um modelo eclesial e eclesiológico que não corresponde ao modelo do Vaticano II. Existe uma efervescência do clericalismo e entre os novos padres que presidem esse rito surge um sentimento de saudade de um tempo que não vivenciaram. Muitos rejeitam o Concílio Vaticano II e as reformas por ele realizadas e pregam um retorno ao “catolicismo tradicional”.

Há os que defendem o rito extraordinário no fundo concordam com a ideia de dom Marcel Lefebvre de que o Vaticano II constitui uma quebra na Tradição da Igreja e que o *novus ordo* de Paulo VI representa esta quebra na Tradição litúrgica (DIAS, 2010, p. 16). Os que defendem que a Liturgia seja enriquecida com adornos anteriores ao Vaticano II veem como um “meio de restauração do catolicismo tradicional” (DIAS, 2010, p. 125). “Sobretudo, se pode ler, nas entrelinhas de seus discursos sobre o ‘saudosismo’ de alguns e o apego ao passado, que Francisco não tolera a rigidez, pois esta nada tem que ver com a novidade e a alegria do evangelho” (PIMENTEL, 2018, p. 10).

Com profundo sentido eclesial, Francisco reconhece na ação litúrgica não uma ação privada, mas uma ação eclesial. De fato, “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é um ‘sacramento de unidade’, ou seja, um povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos” (SC, 26). Todos os fiéis devem experimentar na alma que a Liturgia é uma “epifania da

Igreja”, que “o Mistério da Igreja é primeiramente anunciado, saboreado e vivido na Liturgia” (VQA, n. 9).

Na Liturgia, a Igreja se manifesta como uma comunidade que vive em comunhão de fé e amor; uma comunidade inteiramente ministerial que, sob a ação incessante do Espírito, nasce da Palavra (DV, 21), se edifica na celebração da Eucaristia (LG, 3) e, atenta aos sinais dos tempos (GS, 4), alcança a evangelização do mundo através do anúncio missionário do Evangelho e do testemunho da caridade (LG, 5; 32). Toda a Igreja, seguindo o seu Senhor, que não veio para ser servido, mas para servir (cf. Mt 20,28), é colocada em atitude de serviço. Desse modo, torna-se manifesta a relação eclesialidade, liturgia e ministerialidade.

A diversidade de ministérios corresponde a uma Igreja povo de Deus, corpo de Cristo, toda ministerial. A finalidade última dos ministérios na liturgia é garantir a qualidade da celebração para que a assembleia participe ativa e profundamente do mistério e assim seja atingida pela graça de Cristo, mediante a Palavra, as orações, o canto, a comunhão. A liturgia manifesta e modifica a Igreja (SC 26). Expressa a fé, a utopia do Reino, e ao mesmo tempo é fonte de inspiração para uma conduta de vida de acordo com o Evangelho. É para garantir isso que se instituem ministérios na Igreja. (CARPANEDO, 2018, p. 15).

Assim como a Igreja, a Liturgia é toda ela ministerial. A Liturgia não pode ser reduzida ao trabalho de uma parte da Igreja, mesmo que seja a hierarquia (ministros ordenados). A Liturgia diz respeito a todo o corpo eclesial, organicamente estruturado e dotado de várias funções e ministérios para a edificação (santificação para o verdadeiro culto ao Pai) de todo o Corpo. Decerto, “a assembleia que se reúne para a celebração litúrgica é assembleia toda ministerial, organizada hierarquicamente. E esta realidade é traço distintivo da Igreja tanto no momento celebrativo, como em todas as demais situações de sua existência” (MELO, 2006, p. 354). A liturgia não só manifesta o Mistério da Igreja como povo sacerdotal, mas também integra harmoniosamente as diversas funções e ministérios que a adornam (cf. SC 2; 41; 42; LG 26; PO 5).

As súplicas da Igreja na sua Liturgia são sempre universais, incluem todos, olham para as necessidades do mundo inteiro. O mais distante desse espírito católico é rezar apenas pelas próprias intenções, pelos presentes. A Liturgia é a ação de Cristo e de toda a Igreja, a do céu e a da terra, unida à sua Cabeça. É uma realidade magnífica: “A Liturgia é ação do Cristo total (*Christus totus*)” (CIgC, 1136). No livro *O sentido espiritual da liturgia*, o monge e liturgista Goffredo Boselli, de maneira profética e visionária, afirmou: “o futuro do cristianismo, no ocidente, depende, em grande medida, da capacidade que a Igreja tiver de tornar a sua liturgia a fonte da vida espiritual dos fiéis. Por isso, a Liturgia é uma responsabilidade para a Igreja de hoje” (BOSELLI, 2014, p. 8).

4. A necessidade de uma séria e vital formação litúrgica (DD, 27-47)

É notadamente uma parte extensa da Carta, tendo em vista um desafio extremamente exigente: “como recuperar a capacidade de viver a ação litúrgica em sua plenitude?” A reforma proposta pelo Concílio tem esse objetivo, porém, o desafio é bem exigente, porque “o homem moderno perdeu a capacidade de se confrontar com a ação simbólica, que é uma característica essencial do ato litúrgico” (DD, 27). Com a pós-modernidade esse mesmo homem “se sente ainda mais perdido, sem referências de qualquer tipo, desprovidos de valores, porque se tornou indiferente, órfão de tudo, em uma fragmentação na qual parece impossível um horizonte de sentido” (DD, 28).

A realidade pós-moderna deixa seus rastros de indiferentismo religioso, gnosticismo, neopelagianismo e um espiritualismo abstrato, ou seja, contradizendo a própria natureza humana. Frente a tudo isso, a Igreja, por meio do Concílio, quis confrontar essa realidade reafirmando sua identidade de Sacramento de Cristo. Com a promulgação das Constituições dogmáticas: *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Gaudium et spes* e *Sacrosanctum Concilium* haure uma potente reflexão no Concílio Ecumênico, “a mais alta expressão da sinodalidade da Igreja” (DD, 29).

Paulo VI na conclusão da segunda sessão do Concílio expressou: “não ficou sem fruto a discussão difícil e intrincada [...] Vemos que se respeitou nele a escala dos valores e dos deveres: Deus, em primeiro lugar; a oração, a nossa primeira obrigação; a Liturgia, fonte primeira da vida divina que nos é comunicada”, recorda Francisco (DD, 30).

Nesta Carta não é possível penetrar nas riquezas de todos os discursos e expressões, todavia, é válido ressaltar muitas tensões e divergências sentidas que refletem uma questão eclesiológica controversa. Como reconhecer a validade da Concílio e não aceitar a reforma litúrgica por ele proposta? A esse questionamento é preciso afirmar a validade dos “livros litúrgicos promulgados por Paulo VI e João Paulo II, seguindo os Decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da *lex orandi* do Rito Romano” (DD, 31). A constatação é a necessidade de uma séria e vital formação litúrgica.

Em Pentecostes “nasce a Igreja, célula inicial da humanidade nova” (DD, 32). Nessa comunidade a “Celebração se torna o lugar privilegiado, não o único, do encontro com Ele” (DD, 33). É premente e decisiva a formação litúrgica, citando Romano Guardini, que diz “devemos aprender novamente a nos colocar diante da relação religiosa como homens em sentido pleno” (DD, 34).

No que tange a formação litúrgica, Francisco destaca dois aspectos fundamentais: a *formação para a Liturgia* e a *formação pela Liturgia*. “O primeiro está em função do segundo, que é essencial” (DD, 34). O Sucessor de Pedro confirma que a Liturgia é e deve ser formadora por meio de cada ação simbólica nela realizada. O primeiro é funcional, o segundo essencial. Significa formar-se e ser formado pela própria Liturgia, permitindo que Cristo ser formado em nós (GI

4,19). "O próprio Guardini não hesita em afirmar que, sem formação litúrgica, 'as reformas no rito e no texto não ajudam muito.'" (DD, 34).

É preciso "encontrar os canais para uma formação como estudo da Liturgia: a partir do movimento litúrgico, muito tem sido feito nesse sentido, com valiosas contribuições de muitos estudiosos e instituições acadêmicas" (DD, 35). Esse estudo deve ser um caminho que contemple "todos", a comunidade eclesial inteira, os fiéis e os ministros. "É sempre a Igreja, Corpo de Cristo, o sujeito celebrante, não apenas o sacerdote [...] O conhecimento que vem do estudo é apenas o primeiro passo para poder entrar no Mistério celebrado" (DD, 36). E nesse processo ao ministro ordenado se exige um pouco mais devido sua formação filosófico-teológica, pois, assumiu um compromisso no dia da Ordenação: "Toma consciência do que vais fazer, e põe em prática o que vais celebrar, conformando tua vida ao mistério da cruz do Senhor" (DD, 36).

É fundamental conhecer bem o caminho para percorrê-lo com segurança. Neste sentido, o estudo da Liturgia e a formação litúrgica nos seminários tem singular importância. O estudo da Teologia e seus vários tratados tendem a um resultado positivo sentido na vida pastoral, sobretudo, visando uma pastoral orgânica, integrada e participativa. Toda essa bagagem formativa será percebida nos momentos celebrativos. "Uma celebração que não evangeliza não é autêntica, tampouco um anúncio que não leva ao encontro com o Ressuscitado na Celebração" (DD, 37).

Aos ministros e a todos os batizados a formação litúrgica não se trata apenas de um conhecimento inicial, mas de um empenho contínuo, isto é, uma formação permanente (DD, 38). Ainda sobre a formação nos seminários é importante enfatizar que o estudo é importante, no entanto, é fundamental a conscientização da profundidade do Mistério celebrado. "Uma celebração não somente exemplar do ponto de vista ritual, mas autêntica, vital, que permita viver a verdadeira comunhão com Deus" (DD, 39). O conhecimento e a experiência do amor de Deus não podem se tornar racionalismo, mas deve ser dom e serviço em favor da comunidade (DD, 40).

É evidente que esse caminhar nos mostra a natureza da Liturgia, que é "o conhecimento do mistério de Cristo, questão decisiva para a nossa vida, não consiste em uma assimilação mental de uma ideia, mas em um verdadeiro compromisso existencial com sua pessoa" (DD, 41). Assim, a finalidade primeira da Liturgia não é "conhecimento", mas é louvor e ação de graças. "A plenitude da nossa formação é a conformação com Cristo. Repito: não se trata de um processo mental e abstrato, mas de se tornar Ele. Esta é a finalidade para o qual foi concedido o Espírito, cuja ação é a de, sempre e unicamente, compor o Corpo de Cristo" (DD, 41).

Os Sacramentos, de modo objetivo e concreto, numa linha de continuidade e coerência, iniciada na Encarnação manifesta o sentido da Liturgia na vida do povo de Deus (DD, 42). A Liturgia em seu sentido oriundo é espaço privilegiado para a Celebração dos Mistérios da redenção, pois, realiza o memorial eucarístico, atualizando a verdade, a beleza e a glória de Deus (DD, 43). A Eucaristia, Sacramento do Sacrifício de Cristo, não substitui a oferta da própria vida pelos

cristãos, mas é o sinal eficaz da incorporação desta oferta no Sacrifício de Cristo: neste sentido a Liturgia, especialmente a Eucaristia, é sacramentalização do sacrifício dos fiéis.

Citando Guardini é trazido novamente a questão simbólica: “com isso se delinea a primeira tarefa do trabalho da formação litúrgica: o homem deve voltar a ser capaz de símbolos”. Essa tarefa compete a todos, os ministros ordenados e os fiéis. É uma incumbência difícil, “porque o homem moderno se tornou analfabeto, não sabe mais ler os símbolos, somente desconfia de sua existência” (DD, 44). A chamada de atenção se acentua sobre nossa abertura ao transcendente a partir da corporeidade, ou seja, o corpo é um símbolo muito expressivo, tem um valor simbólico na Liturgia, inclusive, o Verbo divino assumiu um corpo como o nosso. Isto nos faz cientes da necessidade de uma linguagem simbólica, que transmita mitos, ritos e símbolos (AUGÉ, 2007, p. 94-104). Por isso, temos a missão “de recuperar a capacidade de situar e compreender os símbolos da Liturgia” (DD, 44).

A pergunta que persiste é: “como voltar a ser capazes de símbolos? [...] A leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, nem de aquisição de conceitos, mas uma experiência vital” (DD, 45). Recuperar a confiança nas relações com a criação pode ser um caminho de superação de visões materialistas e espiritualistas (DD, 46). Outro ponto indispensável é o reconhecimento de que a própria Liturgia é um espaço catequético, espiritual e mistagógico, ela mesma nos forma. A capacitação adquirida nos ensina a valorização e devido zelo com tudo o que compõe as Celebrações cristãs, inclusive, os gestos simbólicos. “Não é necessário falar muito nem ter entendido tudo sobre naquele gesto: é preciso, sim, ser pequeno tanto ao entregá-lo quanto ao recebê-lo” (DD, 47). Na Liturgia todo gesto e simbologia, que é uma realidade visível deseja comunicar uma graça invisível.

O Papa Francisco, que completa dez anos em 2023, tem marcado o seu pontificado por uma ênfase na renovação litúrgica na Igreja católica. Desde o início do seu papado, Francisco destaca e reaviva a importância da Liturgia como fonte de renovação e crescimento na fé dos fiéis. “A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar” (EG, 24), afirma o Pontífice. Por isso, de modo claro e objetivo, Francisco tem criticado a tendência de se buscar excessos e pompas nas cerimônias litúrgicas, deixando de enfatizar a importância da simplicidade e da humildade na celebração das liturgias. “São patentes suas opções em matéria litúrgica, com seu estilo despojado quando se trata de presidir a eucaristia, preferindo a estética pós-conciliar àquela de seu predecessor” (PIMENTEL, 2018, p. 10).

As iniciativas da redescoberta da renovação litúrgica por parte de Francisco visam tornar a Liturgia mais acessível, participativa e relevante para os fiéis, promovendo assim um maior crescimento na fé, na missão e na comunhão entre os membros da Igreja católica. Além dos já citados, *Traditionis custodes* e *Desiderio desideravi*, outros documentos de Francisco apontam para esta realidade de reforma litúrgica, a saber: o *motu proprio Magnum principium* (2017),

sobre alteração nas competências das Conferências Episcopais no tocante a tradução dos livros litúrgicos; o *motu proprio Spiritus Domini* (2021), que permite o acesso de mulheres aos ministérios laicos de leitor e acólito.

Considerações finais

À guisa de conclusão, Francisco reafirma que a intenção de toda essa reflexão não esgota o imenso tesouro da Celebração dos santos Mistérios. Neste sentido, faz um pedido a todos os bispos, presbíteros e diáconos, formadores de seminários, professores de Teologia, todos os catequistas “que ajudem o povo santo de Deus a recorrer ao que sempre foi a fonte primária da espiritualidade cristã” (DD, 61). É importante reavivar a admiração pela beleza da verdade da Celebração cristã (DD, 62). Toda essa riqueza é bastante nítida no redescobrimto do sentido do ano litúrgico e também do dia do Senhor, o domingo (n. 63). Por isso, diz: “A Páscoa nos foi dada, deixemo-nos envolver pelo desejo que o Senhor continua a ter de poder comê-la conosco” (DD, 65).

A leitura, estudo e meditação da Carta *Desiderio desideravi* nos leva a constatação de que Francisco é incansável em seu ministério. A cada gesto, ação ou alocução nos faz cada vez mais amar a Igreja, em sua beleza e verdade. Desde o início de seu pontificado tem nos acenado para um novo modelo de Igreja em saída, de comunhão, participação e missão, ou seja, onde a Igreja não é vista como autorreferencial, mas o meio necessário para nos conduzir diretamente ao essencial, o Mistério Pascal de Cristo.

Esse Mistério é sentido na contemplação da verdade e da beleza presente nas Celebrações cristãs. São momentos singulares que nos leva ao encontro com Jesus, pois, com ele nós estabelecemos uma relação verdadeira, livre e fiel. Esse estudo nos aguça os sentidos e nos torna mais atentos ao essencial da Celebração cristã: o Mistério de Cristo, sentido por essa experiência afetiva e amorosa e não por fórmulas e conceitos. Nisto reconhecemos que o Espírito pervade as ações litúrgicas assistindo todos os fiéis nesta profunda experiência de interioridade e os impulsiona na vivência de uma Igreja missionária e sinodal.

Como podemos observar, nesta caminhada eclesial e fraterna, Francisco enfatiza, de modo mais extenso e intenso, a importância de uma formação litúrgica séria e vital, para todos. Isso nos levará ao real sentido de convivas na mesa com Cristo, pois, com Ele não formamos uma ONG, mas construímos uma história de amor, já disse Francisco em outros discursos e mensagens. Assim, Jesus se mostra como amigo do ser humano e, por isso, nos coloca nos braços e no colo de Deus Pai, fonte de toda bondade e de toda misericórdia.

Firmes nesta certeza que gera vida e esperança, Francisco, nesta primeira década de pontificado, convida todo o povo de Deus a mergulhar no “oceano de graça que inunda cada celebração” (DD, 24). Para o Bispo de Roma, muito mais do que a disputa entre duas formas do mesmo rito romano, o que precisa ser trazido de volta ao centro da atenção é a formação litúrgica do povo de Deus, que ocorre na Liturgia e por parte da Liturgia. No fundo, o desejo de Francisco

é que todos os fiéis católicos aceitem, uma vez por todas, o rito que é fruto da reforma como linguagem comum e universal a toda a Igreja. O rito existe como meio agregador e suporte de grandes verdades de fé e não como elemento de divisão e dispersão.

Abreviaturas e siglas

- DD – *Desiderio Desideravi*
- SC – *Sacrosanctum Concilium*
- LG – *Lumen Gentium*
- DV – *Dei Verbum*
- GS – *Gaudium et spes*
- PO – *Presbyterorum Ordinis*
- CIgC – Catecismo da Igreja Católica
- VQA – *Vicesimus Quintus Annus*
- EG – *Evangelii Gaudium*

Referências

- AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia e espiritualidade*. São Paulo: Ave Maria, ³2007.
- BOSELLI, Goffredo. *O Sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I: teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção livros básicos de teologia 9).
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, ³1993.
- CARPANEDO, Maria da Penha. *Ministérios litúrgicos leigos: por ocasião dos 50 anos de Medellín*. *Revista de Liturgia* 45 (2018) 266, p. 13-16.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos e Declarações. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Bíblia sagrada: tradução oficial da CNBB*. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- COSTA, Valeriano dos Santos. *O amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Paulus, 2019.

DIAS, Juliano Alves. *Sacrificium Laudis: a hermenêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969-2009)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à teologia litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio desideravi*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.

GUARDINI, Romano. *Formação litúrgica*. Curitiba: Carpintaria, 2023.

GRILLO, Andrea. *Para além de Pio V: a reforma litúrgica após a Traditionis Custodes*. São Paulo: Paulus, 2022.

JOÃO PAULO II. *Vicesimus Quintus Annus*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19881204_vicesimus-quintus-annus.html Acesso em: 13/mar./2023.

MEDEIROS, Damásio. Liturgia e eclesiologia na América Latina. In: PARANHOS, Washington (org.). *Liturgia e Eclesiologia: fragilidade e força da Igreja que celebra*. São Paulo: Paulinas, 2022.

MELO, José Raimundo de. *Ministérios e serviços litúrgicos numa Igreja toda ministerial: a ministerialidade em documentos do magistério pós-conciliar*. *Perspectiva Teológica* 38 (2006) 106, p. 349-374.

MONTEIRO, Joaquim. A Eclesiologia e as Eclesiologias. *Humanística e Teologia* 2 (1981) 1, p. 67-90.

PIMENTEL, Márcio. A liturgia em tempos de Francisco. *Vida Pastoral* 59 (2018) 324, p. 3-11.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.